



REDE SUL E ILHAS

PROVA DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS PARA ACESSO AO ENSINO SUPERIOR POR ALUNOS DE CURSOS DAS VIAS PROFISSIONALIZANTES
2026/2027

PARTE A - PROVA DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS 11/06/2026

A PREENCHER PELO/A PROFESSOR/A CORRETOR/A	
Grupo I.....	Pontuação _____
Grupo II.....	_____
TOTAL.....	_____
Data ____/____/____ Rubrica _____	N.º convencional _____

A PREENCHER PELO/A CANDIDATO/A	N.º convencional
1. Nome completo _____	_____
2. Cartão de Cidadão / BI/ Passaporte n.º _____	
Válido até ____/____/____ Por (localidade) _____	

Atenção: Não deve escrever o seu nome ou qualquer elemento que o identifique noutra local desta prova, sob pena de esta lhe ser anulada.

REDE SUL E ILHAS

PROVA DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS PARA ACESSO AO ENSINO SUPERIOR POR ALUNOS DE CURSOS DAS VIAS PROFISSIONALIZANTES

2026/2027

PARTE A - PROVA DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS

1.ª Prova

GRUPO I

Leia atentamente o texto que se segue.

E Pronto

Eu não tenho computador, não tenho telemóvel, não tenho cartão de crédito, não tenho carro, resumindo: sou todo meu. Estou aqui sentado nesta cadeira a escrever esta crónica, cheio de vontade de voltar para o livro que ainda não parou de me trazer problemas. (...). Não sei porque me meti neste livro, quer dizer sei mais ou menos: foi ele que se meteu em mim. Tinha acabado o livro anterior, estava à espera, vazio, e apareceu este primeiro depressa, depois devagar, depois depressa outra vez quando os vários elementos principiaram a juntar-se, depois devagar de novo à medida que ia crescendo. Tem vinte e cinco capítulos, acabei a primeira versão do décimo segundo hoje, queria começar a ocupar-me do décimo terceiro mas tenho de fazer estes textinhos para a revista. É horrível passar para um ritmo completamente diferente, dizer coisas levezinhas a fim de distrair as pessoas e o livro à espera, furioso comigo. Tenho sempre medo de não conseguir acabá-lo, precisa de tantas correções.

É uma coisa estranha, um livro: quando tudo está a correr bem anda sozinho e de repente pumba, pára e lá fico eu à espera que ele decida continuar. Quando menos espero engrena de novo. Às vezes pergunto-me de onde é que isto vem e ignoro a resposta. Vem de um sítio qualquer, muito escondido, lá no fundo, uma espécie de cave confusa onde as palavras se organizam apesar de mim. Acho que o livro está lá todo à espera do momento de se realizar sozinho. Quer dizer não é bem assim: umas vezes organiza-se por si, outras necessita que eu seja criada para todo o serviço. Mas é fascinante vê-lo crescer, modificar-se, estruturar-se, é fascinante fazê-lo crescer, modificá-lo, estruturá-lo. Que me lembre escrevi o primeiro romance aos sete ou oito anos. Tinha quatro páginas e custou-me como o diabo. Claro que o queimei na figueira da casa dos meus pais onde queimava tudo. Os meus pais sabiam o que eu andava a fazer mas nunca me perguntaram fosse o que fosse. (...) Para quê? Era tão óbvio para mim que

me faltava imenso caminho mas a certeza que ia ser o melhor dava-me força. Apesar de ser humilde, porque só se pode escrever sendo humilde, não tinha qualquer dúvida acerca disso. E era horrivelmente consciente das minhas
30 múltiplas imperfeições. E depois, quando me levavam de férias com os meus irmãos, enchia um saco de livros para aprender. Fazia exercícios: escrevia à maneira deste, à maneira daquele, lia imensos romances maus, com os quais se aprende melhor que com os romances bons porque nesses não se vêem os pregos do reverso do cenário (...). E continuava a queimar tudo, não revoltado,
35 não zangado, porque era óbvio para mim que aquele era o caminho e que tinha de ser paciente e continuar a mamar. Não conhecia ninguém que escrevesse, nada sabia de literatura, estava completamente só. É terrível isto, durante um livro está-se completamente só. Quando me perguntavam o que queria ser não respondia porque não queria ser, já era. Só me faltava ser mas já era.

40 E depois ia aprendendo com todos até que, aos dezassete ou dezoito anos, tive um encontro decisivo ao ler Antoine Blondin, escritor francês hoje praticamente esquecido, (...) e que abriu, dentro de mim, uma porta que eu sabia que tinha. (...) Antoine Blondin foi o meu encontro decisivo. Não sei bem em quê: talvez na luta pela liberdade interior. Num dos seus livros, falando da mãe, Blondin
45 conta que ela costumava dizer: não tenho fé mas tenho tanta esperança. Esta frase foi muito importante para mim. Tanta esperança. (...) As coisas foram-se tornando, a pouco e pouco, menos penosas.

E depois, finalmente, a *Memória de Elefante* que nunca li nem deixava que traduzissem. (...) Para um primeiro livro achei-o do caraças mas já nada tinha a
50 ver com o que eu fazia então. No entanto gosto dele sobretudo porque me recorda quanto me vi à brochinha para o compor (...). O Zé Cardoso Pires dizia-me: é preciso que a gente sofra para o leitor ter prazer. Mas gostaria que o leitor tivesse prazer com menos sofrimento da minha parte. Escrever é também isso: prazer e alegria (...).

António Lobo Antunes, *VISÃO 1271*, de 13 de julho de 2017
(Texto com supressões e adaptações. O autor escreve segundo a antiga ortografia.)

1. Assinale com um X a alternativa que completa o sentido de cada afirmação, considerando o conteúdo do texto lido.

1.1. Na frase “Não sei porque me meti neste livro, quer dizer sei mais ou menos: foi ele que se meteu em mim” (l. 5), a expressão “foi ele que se meteu em mim” significa que:

- (A) o escritor escreveu o livro por encomenda de alguém.
- (B) o escritor começou a escrever o livro por inspiração.
- (C) o escritor recebeu o livro como oferta.
- (D) o escritor foi obrigado a escrever o livro.

1.2. A frase “Vem de um sítio qualquer, muito escondido, lá no fundo, uma espécie de cave confusa onde as palavras se organizam apesar de mim.” (ll. 17-19) significa que:

- (A) o escritor tem um lugar oculto onde gosta de escrever.
- (B) o escritor pensa que as palavras são confusas.
- (C) a criação do livro é um mistério para o escritor.
- (D) o escritor conhece bem o processo de criação do livro.

1.3. A afirmação “umas vezes organiza-se por si, outras necessita que eu seja criada para todo o serviço” (ll. 20-21) revela que:

- (A) o livro exige muito trabalho por parte do escritor.
- (B) o escritor recorre à ajuda de alguém para escrever o livro.
- (C) a escrita do livro alterna entre a facilidade e o trabalho duro.
- (D) o escritor deve realizar múltiplas tarefas para concluir o livro.

1.4. A expressão “continuar a mamar.” (l. 36) significa que o autor continuava a:

- (A) beber o leite materno.
- (B) viver sem preocupações.
- (C) ler apenas maus romances.
- (D) ler todo o tipo de romances.

1.5. “Só me faltava ser mas já era.” (l. 39) Com esta afirmação, o autor tinha noção de que:

- (A) já era um grande escritor.
- (B) a sua vocação era ser escritor.
- (C) só lhe faltava atingir os 18 anos.
- (D) viria a publicar muitos livros.

1.6. Ao afirmar que “me vi à brochinha para o compor (...).” (l. 51), a propósito do romance *Memória de Elefante*, o autor:

- (A) sofreu muito para o compor.
- (B) sofreu pouco para o compor.
- (C) não sofreu nada para o compor.
- (D) teve prazer na sua elaboração.



2. Numere as frases de 1 a 5, de acordo com a ordem pela qual as informações são apresentadas no texto.

- (A) A primeira obra do autor é referida como exemplo da dificuldade prazerosa inerente à elaboração de um livro. _____
- (B) O autor relata as suas dificuldades em transitar entre diferentes tarefas literárias. _____
- (C) O autor descreve o percurso solitário e árduo da sua aprendizagem enquanto escritor. _____
- (D) Partilhando as suas referências criativas, o autor narra uma fase crucial da sua aprendizagem. _____
- (E) O método de elaboração de um livro é descrito como paradoxal. _____

3. Numa resposta breve, explique o sentido do excerto “sou todo meu.” (l. 2), tendo em conta o texto.
